

**Como citar esse texto:** NEVES, B.; TRISTÃO, G.; OLIVEIRA, A. Oficina de parklet: do direito à cidade ao planejamento insurgente em São João del-Rei. VIRUS, São Carlos, n. 14, 2017. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus14/?sec=5&item=76&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

**Bernardo Neves** é arquiteto e urbanista. Membro do grupo de pesquisa Indisciplinar, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Minas Gerais. Militante das Brigadas Populares.

**Gustavo Tristão** é arquiteto e urbanista e marceneiro autônomo. Professor de artes na Escola Estadual Brighenti Cesare, designer gráfico na companhia Teatro da Pedra.

**Aleska Oliveira** é estudante de Arquitetura e Urbanismo, e membro da Empresa Júnior do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de São João del-Rei.

**Oficina de Parklet:** do direito à cidade ao planejamento insurgente em São João del-Rei

**Palavras chave:** Parklet; Direito à cidade; Planejamento insurgente; São João del-Rei.



**Fig. 1:** Parklet finalizado. Fonte: Acervo dos autores.

A fim de dialogar com o tema desta edição da revista VIRUS: "Tecendo a Cidade", o presente artigo pretende dissertar – de modo livre e divertido – sobre a cidade como mais-valor, e consequentemente como luta de classes, a partir da produção coletiva de um parklet no ano de 2015. Este mobiliário urbano efêmero teve como objetivo servir como suporte para uma possível alteração das formas dos cidadãos e da própria cidade se relacionarem com seu centro. O parklet em questão foi objeto da oficina ministrada por Bernardo Neves e Gustavo Tristão durante o Segundo Seminário de Reforma Urbana "Cidade para quem?", uma parceria entre as Brigadas Populares de São João del-Rei e a Arché Empresa Júnior. As Brigadas Populares são uma organização militante, popular e de massas, que se sustenta por suas estruturas de base e de direção, uma militância jovem que teve sua fusão em 2011 e de abrangência nacional, com sedes em nove estados brasileiros e no Distrito Federal<sup>1</sup>. A diretriz de atuação brigadista é a auto-organização dos oprimidos

*A vida é a arte do encontro. (Vinícius de Moraes)*

com democracia e participação popular a partir da situação de vida do povo e da relação intrínseca entre ação direta e ação política (BRIGADAS POPULARES, 2016). A Arché Empresa Júnior é uma empresa universitária onde os estudantes de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) experimentam práticas profissionais ao longo da graduação, aplicando as experiências de sala de aula no mercado, desenvolvendo projetos arquitetônicos em contato direto com clientes e canteiros de obra. Este encontro entre empresa júnior e movimento militante vem do desejo das organizações de se complementarem mutuamente, a princípio, a Arché politiza suas ações, ao passo que as Brigadas avançam em questões propositivas e projetuais.

**2º SEMINÁRIO DE**  
**REFORMA**  
**CIDADE PARA QUEM?**  
**URBANA**  
**MOBILIDADE URBANA EM SÃO JOÃO DEL REI - MG**

**PROGRAMAÇÃO**

 <b>25/11</b>	 <b>26/11</b>	 <b>27/11</b>
<b>ROBERTO ANDRÉS</b> <small>EA-UFMG</small> <b>FERNANDA CORGHI</b> <small>DAUAP-UFSJ</small> <b>IZABEL DIAS</b> <small>PMBH</small>	<b>JOVIANO MAYER</b> <small>BRIGADAS POPULARES-BH</small> <b>AMANDA CORRADI</b> <small>BH EM CICLO</small> <b>CLARISSA CAMPOS</b> <small>DAUAP-UFSJ</small>	<b>JORGE LUIZ BARBOSA</b> <small>PPGEO-UFF</small> <b>RAFAEL MATTOS</b> <small>BRIGADAS POPULARES-SJDR</small> <b>LUIZA SOUZA</b> <small>TARIFA ZERO BH</small>
<small>MEDIADOR</small> <b>MÁRCIO SANTOS</b> <small>PMSJDR</small>	<small>MEDIADOR</small> <b>LÍVIA MUCHINELLI</b> <small>DAUAP-UFSJ</small>	<small>MEDIADOR</small> <b>TATIANA GODOY</b> <small>DEGEO-UFSJ</small>

**REALIZAÇÃO**  
**BRIGADAS POPULARES**

**19H**  
**NO ANFITEATRO DO CSA**

Fig. 2: Cartaz do Segundo Seminário de Reforma Urbana "Cidade para quem?" Fonte: Aleska Oliveira.

A segunda edição do Seminário "Cidade para quem?", sediado na UFSJ entre os dias 23 e 28 de novembro de 2015, teve como tema a mobilidade urbana na disputa do direito à cidade, a fim de oxigenar a luta pelo transporte público de qualidade em São João del-Rei, que teve início em 2011 com mobilizações secundaristas contra o aumento da passagem e que não saiu de pauta desde então. Esta insurgência multitudinária (HARDT; NEGRI, 2005) e anticapitalista, em favor do direito à cidade, encontrou no bojo das jornadas de junho de 2013 seu pico de intensidade, juntando São João del-Rei ao seletor grupo de cidades que tiveram redução da tarifa de ônibus, após protestos, elaboração de pesquisas para descriptar os fraudulentos métodos de obtenção do valor da tarifa (SANTOS, 2014), audiências públicas e denúncias junto ao ministério público, o movimento conquistou naquele ano, além da redução do preço da passagem, a queda de concessão da viação que operava os serviços de transporte público na cidade. Na ocasião, o então gerente da viação era ao mesmo tempo o presidente da Câmara Municipal, ao longo deste mandato a legislação de transporte coletivo foi abusivamente descaracterizada em favor da empresa (BRIGADAS POPULARES, 2014). Nos anos que se seguiram o bloco oligárquico local blindou-se contra esta dinâmica insurgente e o movimento foi conseqüentemente alterando suas geografias de contra-poder.

Para dar conta de um espectro abrangente de mobilidade urbana, o seminário "Cidade para quem?" de 2015 se dividiu em três eixos temáticos: mobilidade a pé, cicloviária e transporte coletivo. Cada modal foi contemplado em uma noite de palestras do seminário e em uma oficina prática. A oficina de parklet estava relacionada à modalidade a pé e à retomada do acesso popular ao centro.

**OFICINA DE PARKLET**

**OFICINEIROS:** GUSTAVO TRISTÃO e BERNARDO NEVES DE PAULA  
**VALOR:** 35 REAIS  
**VAGAS:** 15

Antes de abordar especificamente a oficina de parklet, vale uma breve análise no contexto em que este se insere.

São João del-Rei é uma cidade do interior de Minas Gerais fundada em 1713, possui um centro histórico complexo com igrejas coloniais projetadas por Aleijadinho, seu centro histórico, marcado por uma mistura atípica, combina patrimonialização e dinâmica urbana viva, com pequeno comércio ativo e espontâneo. O conjunto arquitetônico tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (CMPPC) e pelo IPHAN reúne casario de várias épocas e tipologias, revelando sua história construtiva através dos séculos. Com população de pouco mais de 90.000 habitantes (IBGE, 2016), São João del-Rei, que já teve sua dinâmica financeira marcada pela mineração de ouro, pela rota comercial da Estrada Real, pelo ciclo industrial do vapor, hoje, como outras cidades mineiras, é uma cidade universitária - a maior das quatro sedes da UFSJ. O processo criativo de produção da oficina de parklet está diretamente vinculado ao processo de gentrificação causado pela expansão da universidade através do Programa Reuni, executado em São João del-Rei entre 2007 e 2010. Neste meio tempo, o número de vagas de graduação saltou de 790 para 2.850, crescimento acompanhado do aumento do número de professores, técnicos, servidores e terceirizados (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI, 2012). Esta alteração demográfica e financeira do tecido social, impossível de ser acompanhada pelo processo de urbanização, implicou em especulação imobiliária, gentrificação, superlotação das repúblicas universitárias, hipsterização do centro histórico, e expulsão de determinados setores sociais do convívio, sobre tudo noturno e boêmio, no centro da cidade.

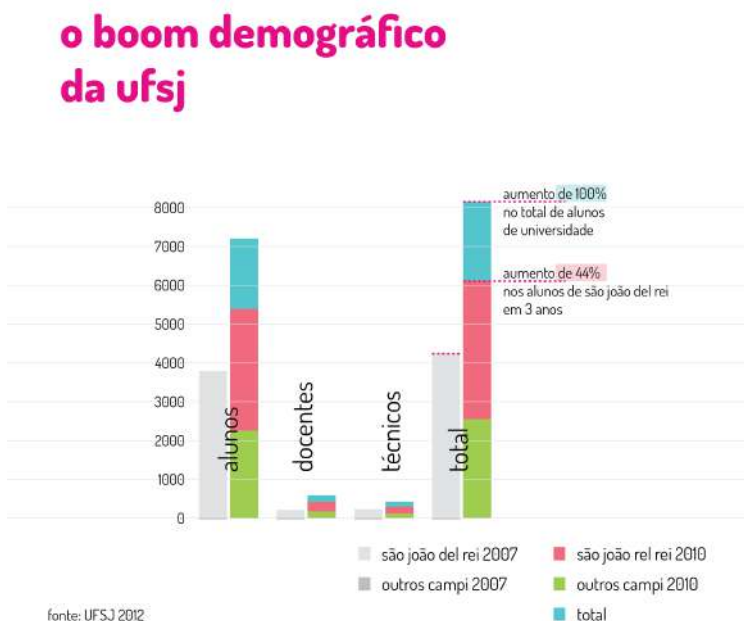
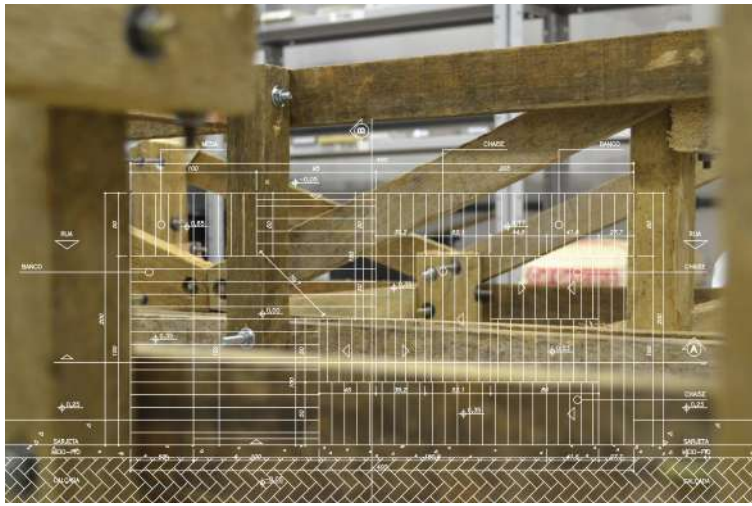


Fig. 4: O boom demográfico da UFSJ. Fonte: Aleska Oliveira com dados de UFSJ (2012).

O processo de especulação imobiliária e empreendedorismos vinculados à expropriação da dimensão pública do espaço urbano estão diretamente relacionados ao que Dardot e Laval (2016) chamam de nova razão neoliberal. Se o direito à cidade, como propõe Harvey (2014), pode ser entendido como um signifiante vazio, passivo de apropriações e ressignificações, este tem sido cada vez mais restrito a uma pequena oligarquia política e econômica, com condições para moldar a cidade segundo seus interesses particulares. A luta pelo direito à cidade, hoje, é uma luta declarada ao neoliberalismo.

Certamente é um tanto irônico disputar o direito à cidade em um contexto de lutas militantes recorrendo a um dos dispositivos especulativos mais usados pelo urbanismo hipster: o parklet. Para tanto, a estratégia foi produzir um espaço que subvertesse a subjetividade neoliberal que atende a uma estética e política onde já não haveriam sujeitos e sociedade, haveriam apenas capitalistas e capital, onde a concorrência é a norma de conduta e a empresa o modelo de subjetivação (DARDOT; LAVAL, 2016). Para driblar (com humor) a razão neoliberal hegemônica no território central da cidade optou-se por um projeto de parklet onde não houvessem as típicas mesas e cadeiras que servem como anexos aos bares e lojas nos arredores, ao invés disto, o projeto produzido para a oficina<sup>2</sup> previa um conjunto de chaises, que juntas formavam um objeto topográfico inusitado e convidativo ao uso inventivo e libidinal. A organização do seminário acordou com a Prefeitura a instalação do parklet à Av. Tiradentes, em frente ao nº 538, área limítrofe entre as zonas patrimoniais do centro histórico e do entorno histórico, muito frequentada durante o dia por sua atividade comercial e equipamentos institucionais, e durante a noite junto aos bares, restaurantes e casas noturnas.





**Fig. 5:** Planta Baixa. Fonte: Montagem de Aleska Oliveira, com Projeto executivo de Gustavo Tristão.



**Fig. 6:** Corte A. Fonte: Montagem de Aleska Oliveira, com Projeto executivo de Gustavo Tristão.



**Fig. 7:** Corte B. Fonte: Montagem de Aleska Oliveira, com Projeto executivo de Gustavo Tristão.



**Fig. 8:** Sistema estrutural. Fonte: Montagem de Aleska Oliveira, com Projeto executivo de Gustavo Tristão.

Por motivos burocráticos e orçamentários, a proposta da oficina orientou-se por produzir um objeto efêmero que suportasse a ação do tempo e do uso por algumas semanas. Para que fosse esteticamente e construtivamente assertivo, o projeto teve de considerar algumas condicionantes, como o perfil leigo em marcenaria dos oficianandos, o prazo máximo de uma semana disponibilizado pelo seminário, o limitado conjunto de ferramentas, materiais, infra-estruturas e orçamento. Também foram avaliadas condicionantes de projeto, como acessibilidade, conforto ergonômico, segurança e o diálogo estético com o centro histórico pautado pelo contraste, variáveis determinantes no desenvolvimento do design e da técnica construtiva.



**Fig.9 :** Processo de construção. Fonte: Acervo dos autores.

A oficina foi dividida em quatro etapas: estrutura, revestimento, transporte e instalação. Na etapa "estrutura", produzida no laboratório de maquetes do curso de arquitetura e urbanismo da UFSJ, o parklet foi dividido em seis esqueletos estruturais; durante a etapa "revestimento" as partes foram unidas em três, a fim de viabilizar seu transporte até a Av. Tiradentes, onde foi finalizado e unificado em um objeto inteiro.



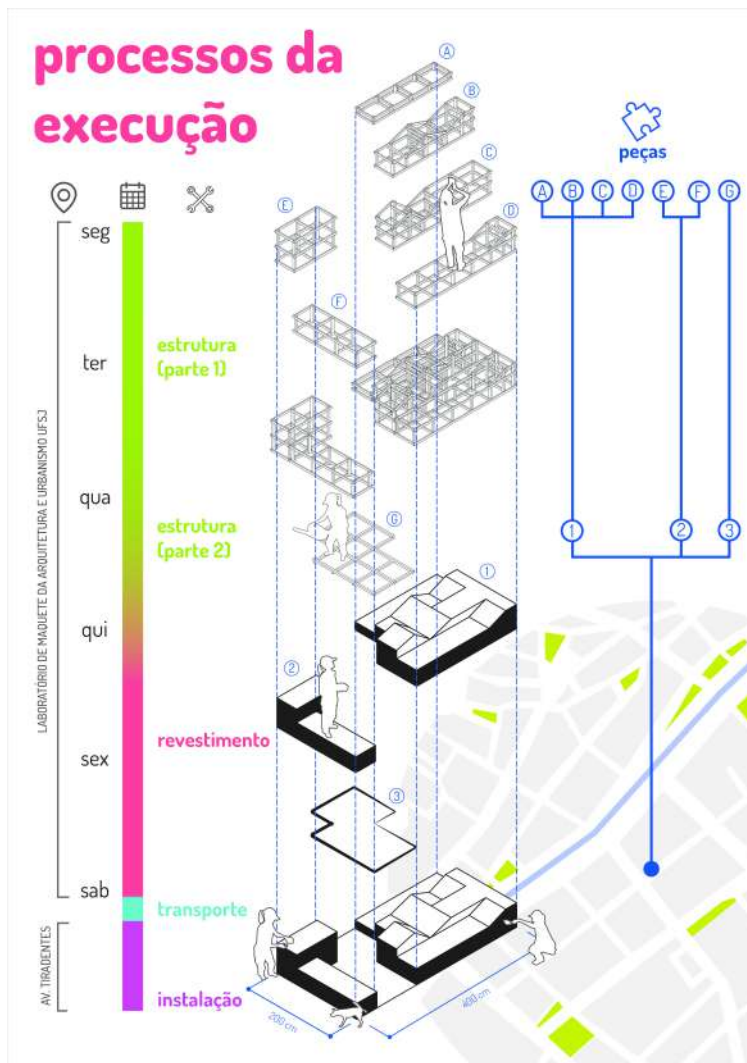


Fig. 10: Infográfico processo construtivo. Fonte: Gustavo Tristão.

Para produzir coletivamente sem fins lucrativos, especulativos ou gentrificadores, todo o valor arrecadado com as inscrições da oficina somado às doações do comércio adjacente ao local de instalação foi revertido na compra de materiais para a construção do parklet. Boa parte do material foi doado por fábricas de móveis da região. Como forma de efetivar, no interior das relações capitalistas, um objeto que desse conta de subverter a lógica da cidade como mais-valor, doamos nosso trabalho coletivo, e em troca recebemos doses inesperadas de prazer.



Fig. 11: Infográfico agentes envolvidos na oficina de parklet. Fonte: Gustavo Tristão.

Da teoria para a prática, o parklet, junto às outras oficinas do seminário, fixava no espaço o debate do direito à cidade, atravessando insurgência e prática arquitetônica. O direito à cidade, segundo Lefebvre (2008), partiria da premissa de que o valor de uso do

espaço urbano sobreporia seu valor de troca, portanto, para atingirmos a experiência essencialmente anticapitalista do direito à cidade, teríamos que produzir um objeto alienado de seu valor de troca, que não pudesse ser obviamente apropriado pelo comércio local e privatizações do que é público nas centralidades, mas que fosse deliberadamente apropriável pelo público transeunte. Do ponto de vista do valor de troca, o parklet não só se posicionava como objeto alienado e sem dono, como ainda ocupava um território colonizador do espaço público: a vaga de carro. Atendendo ao chamado de Lefebvre, o parklet produziu um lugar lúdico, festivo, como possibilidade de surpresas, imprevistos e apropriação coletiva. Foi frequentado por crianças e brincadeiras, por jovens boêmios com suas garrafas de catuaba, foi cenário de *selfs*, abrigou mendigos e casais apaixonados em finais de noite. Também trouxe à tona contradições urbanas e mal-estar de alguns, houveram os que, indignados pela retirada da vaga de carro, jogaram lixo sobre o parklet, houveram ainda aqueles que, por serem e se sentirem socialmente estigmatizados, não se apropriaram do espaço que lhes parecia, segundo relato, “coisa de vagabundo”. Durante alguns dias o parklet foi suporte para um inflamado debate popular nas redes sociais sobre valores urbanos e a disputa territorial que representava, evidenciando, como propõe Ermínia Maricato (2015), a cidade como luta de classes.

Destacamos um depoimento amigável extraído de um dos debates das redes sociais: “*Cara, precisava te contar isso, nessa alvorada me dei o luxo de matar a curiosidade e dar aquela deitada nesse “troço” com mais uma amiga... foi bom demais... vimos o Edifício São João de outra perspectiva, e me lembrou uma história bizarra do cara que pintou o prédio (risos), rolou um cheiro de madeira molhada que tava estranho, (risos), vi o céu clareando e dei risada demais. Encontrei uma ponta de cigarro de palha que alguém deixou para me salvar, e um prendedor de cabelo, mas como não era muito do meu tipo deixei por lá (o paiero salvou mesmo). De repente um ônibus passou e me encheu de monóxido de carbono na cara, (risos), essa parte foi meio desagradável. Depois de alguns minutos, que nem sei quantos foram, saímos caminhando e nos deparamos com dois arco-íris na Ponte da Cadeia. Fiquei imaginando que se tivesse uma galera, ia rolar uma balada ali, (risos)... Muito massa, curtii! :)”*



Fig. 12: Parklet em uso. Fonte: Acervo dos autores.

Antes de encerrar, é necessário destacar que o parklet não foi um caso isolado de urbanismo extitucional (ESQUERRA; FONTAIO; PEREZ, 2016) em São João del-Rei, ele se juntou a uma cena viva de produção popular de uma cidade desejante, da qual se destacam o Rap na Bika, grupo de jovens de periferia que desde maio de 2016 vem produzindo uma agenda de atividades culturais, em torno do skate e da cultura hip hop na Praça da Biquinha, uma área central degradada e criminalizada; o Parque dos Cachorros, mobilização comunitária nos arredores da Ponte dos Cachorros que, desde o início de 2017, vem transformando um ambiente abandonado pelo poder público, violento, tomado pelo mato, lixo e entulho, em um parque linear insurgente às margens do Córrego do Lenheiro; Bike na Leite, extensão universitária da UFSJ que discute mobilidade urbana junto à população através da experiência, teve início como disciplina prática do curso de arquitetura e urbanismo da UFSJ em que alunos produziram uma ciclovia efêmera na Av. Leite de Castro, nos dias 19 e 20 de setembro de 2015, e uma segunda ciclovia temporária em dezembro de 2016 no bairro Matozinhos; e o Parque Chacrinha, iniciado em 2014, programa de extensão universitária da UFSJ que agrega estudantes de arquitetura e urbanismo e biologia em processos de reabilitação de usos e espaços, a partir de oficinas e mutirões com moradores de comunidades socioambientalmente vulneráveis nos arredores do Campus Dom Bosco. Há uma nova cena de planejamento insurgente (MIRAFTAB, 2009) que está disputando direitos, políticas públicas e ao mesmo tempo tecendo a cidade, produzindo novas territorialidades urbanas através da ação coletiva e insurgente.



Fig. 13: Mapa das insurgências em São João del-Rei. Fonte: Aleska Oliveira.



Fig. 14: Apropriação espontânea dos transeuntes. Fonte: Acervo dos autores.

#### Ficha técnica

Projeto arquitetônico e oficina: Bernardo Neves e Gustavo Tristão.

Projeto executivo: Gustavo Tristão.

Oficinandas: Anna Paula Alves, Paula Mateus, Luiza Melo, Betânia Dornellas, Laura Cunha e Rodolfo Andrade.

Organização: Bernardo Neves, Aleska Oliveira, Anna Paula Alves, Carol Camargos e Joice Martins.

#### Agradecimentos

Agradecemos ao convite que nos foi feito pelas Brigadas Populares e pela Arché Empresa Júnior; ao apoio institucional da UFSJ e da Prefeitura Municipal de São João del-Rei; ao auxílio técnico e material de Geraldo Cezar, Fábio Passos e Edson Tristão. Agradecemos também às oficinas e a todos os que de alguma maneira experimentaram esta singela inflexão no cotidiano urbano de São João del-Rei.

#### Referências

- BRIGADAS POPULARES. **Diretrizes para atuação**. 2016. [online] Disponível em: <brigadaspopulares.org.br/metodos-de-trabalho/>. Acesso em: 12 Mar. 2017.
- BRIGADAS POPULARES. **Relatório Oficial das Brigadas Populares para a Audiência Pública do Transporte**. São João del-Rei: Brigadas Populares, 2014. [online] Disponível em: <brigadaspopulares.org.br/wp-content/uploads/2014/08/Relatorio-das-Brigadas-Populares-para-Audincia-Publica-do-Transporte-So-Joao-del-Rei..pdf>. Acesso em: 13 Mar. 2017.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova Razão do mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ESQUERRA, M. G.; FONTA, M. J.; PEREZ, E. A. Processo Extitucional dos cidadãos urbanos em Madri. **Revista Indisciplinar**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, Dez. 2016. [online] Disponível em: <editora.fluxos.org/LivrosPDFDownload/RevistaIndisciplinar3FinalBaixa.pdf>. Acesso em: 13 Mar. 2017.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- IBGE. **IBGE Cidades**: São João del-Rei. 2016. [online] Disponível em: <cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=316250&search=minas-gerais|sao-joao-del-rei>. Acesso em: 08 Mar. 2017.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.



MARICATO, E. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MIRAFETAB, F. Insurgent planning: situating radical planning in the Global South. In: FAINSTEIN, S. S.; DEFILIPPIS, J. (Eds.). **Readings in planning theory**. Malden: Wiley Blackwell, 2009. p. 480-498.

SANTOS, L. G. **Regulamentação estatal no setor de transporte urbano**: o estudo de caso de Divinópolis/MG. São João del-Rei: UFSJ, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. **Universidade em expansão**. São João del-Rei: UFSJ, 2012. Disponível em: <[ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vestibular/Vest2012\\_1/revista\\_expansao\\_ufsj.pdf](http://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vestibular/Vest2012_1/revista_expansao_ufsj.pdf)>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

<sup>1</sup>Ver Mapa das Brigadas Populares em: [brigadaspopulares.org.br/mapa-das-brigadas](http://brigadaspopulares.org.br/mapa-das-brigadas)

<sup>2</sup>Por questões de tempo e logística, não seria viável fazer um projeto coletivo junto aos oficinandos, a oficina se restringiu às lições de marcenaria e execução do parklet.